



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5958 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

IMPLICAÇÕES COM O SAIR DE CASA PARA ESTUDAR: PRIMEIRO PASSO PARA SER UM JOVEM AGRICOLINO

Emerson Bianchini Estivaleta - INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE - IFC

Patricia Blini Estivaleta - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES cód. 001

IMPLICAÇÕES COM O SAIR DE CASA PARA ESTUDAR: PRIMEIRO PASSO PARA SER UM JOVEM AGRICOLINO

Neste trabalho, apresenta-se parte dos achados de uma pesquisa que compôs uma tese de doutorado, defendida no ano de XXXX no Programa XXXXX da XXXXXXXXXXXX. O objeto de estudo se constituiu de estudantes do sexo masculino que vivem em regime de internato em um Instituto Federal de Educação, matriculados regularmente em cursos técnicos integrados de nível médio. Trata-se de um recorte social envolvendo populações jovens, sendo grande parte delas com algum tipo de relação direta ou indireta com a vida no campo. É importante ressaltar que essas populações são praticamente invisibilizadas pelo mundo acadêmico e por políticas públicas no âmbito das três esferas de organização do Estado (LEÃO; ANTUNES-ROCHA, 2015).

Na tentativa de gerar uma carga de originalidade para o trabalho, a investigação explorou o cotidiano vivido por aproximadamente 350 discentes internos, chamados de *agricolinos*, na unidade-sede do *campus* de um Instituto Federal. Nesse cenário, o interesse foi pelas relações que se estabeleceram fora da sala de aula, com foco nos alojamentos masculinos. Esse espaço é orientado por regras tácitas ancoradas na tradição, em que as relações sociais se reconfiguram de maneira muito diferente daquela que conta com a mediação do professor.

Trata-se de um currículo que corre em paralelo, norteador pelo movimento do cotidiano (CERTEAU, 2014), mas não menos importante do que o tradicional currículo prescrito. Ambos contam com planejamentos de operacionalidade das relações de ensino e aprendizagem, balizado por regras que resultam em ritos da vida administrada em uma instituição escolar, que conta com estratégias de uma maquinaria (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1992), guardando alguns traços de instituição total (GOFFMAN, 2008).

Nesse sentido, a problemática da tese materializou-se na seguinte pergunta: como opera para os jovens, no processo de constituição de si, as vivências e possíveis experiências

no internato? No entanto, devido ao espaço deste resumo expandido, com vistas a alcançar a profundidade necessária, o recorte foi feito objetivando trazer para discussão as transformações que se inscrevem nas relações familiares dos estudantes. Essas relações foram expressas em entrevistas e em alguns relatos de servidores, considerando rupturas na ordem do seu cotidiano (PAIS, 2003), implicadas com a opção de sair de casa para morar em um internato mantido por uma instituição pública.

A pesquisa mostra-se relevante na medida em que oferece vieses interpretativos dessa realidade, principalmente de seus atores, projetando luz para sua melhor compreensão, tendo em vista que seu foco são estudantes que confrontam o mundo adulto, especialmente os educadores, com inúmeros desafios. Nessa perspectiva, é possível identificar um paradoxo entre o velho e o novo, pois o jovem faz parte de um recorte social que, mesmo sendo fruto de uma sociedade conservadora, tem alcançado, nas últimas décadas, maior dinamismo na articulação de novas ideias.

Pensar em um modo de construção do objeto de estudo que envolva um contexto de encontro entre atores em um determinado lugar parece um grande desafio para o pesquisador no campo da educação, sobretudo quando o estranhamento e a desnaturalização nas relações do cotidiano entram em questão. É nesse sentido que Pais (2003, p. 28) apresenta o cotidiano como “o que no dia a dia se passa sem que nada se parece passar”.

Para Pais (2017), é no cifrar e decifrar os códigos do cotidiano que se abrem possibilidades de análises mais alargadas sobre as relações que guardam as estruturas sociais, pois, em sua concepção, o que se faz de forma repetitiva não se esgota em si, considerando que a ruptura não pode existir na ausência da rotina. É nesse sentido que as relações sociais criadas entre estudantes dentro de um internato podem se compor em um rico campo de pesquisa, na medida em que se congregam em um mosaico de relações sociais e institucionais que influenciam na constituição das suas subjetividades.

Por ser um estudo de caso “tipo etnográfico” (STAKE, 1998; ANDRÉ, 2008), reúne características e idiosincrasias próprias, não podendo ser tomado como uma amostra que represente outros internatos ou instituições. Sua contribuição é no sentido de oferecer interpretações sobre determinadas realidades traduzidas em narrativas que podem ou não contribuir para a compreensão de outras realidades supostamente semelhantes, considerando as singularidades de cada uma.

Para a produção dos dados, de acordo com a observância rigorosa ao protocolo de cuidados éticos, recorreu-se à elaboração de 12 (doze) entrevistas compreensivas, conforme as proposições de Kaufmann (2013). Estas foram feitas com os estudantes internos pertencentes ao terceiro ano, por serem eles os que têm o maior tempo de vivências e possíveis experiências no espaço do internato. Todas as entrevistas ocorreram durante o primeiro semestre de 2018.

Associado a isso, foi produzido um diário de itinerância como resultado de quatro imersões de uma semana, perfazendo um total de 30 (trinta) dias em diferentes tempos no decorrer do ano de 2018, seguindo as recomendações de Barbier (2007). Neste diário, além das notas características de um diário de campo, foi possível registrar as percepções e impressões do pesquisador. Ainda, fez-se necessário análise documental, atendendo aos princípios propostos por Lüdke e André (2013).

Com base nas escolhas apresentadas, pareceu-nos favorável, para a análise dos dados, a hermenêutica filosófica de Gadamer (2015; 2011), que defende uma postura interpretativa e compreensiva da realidade ou da tradição, levando em conta a perspectiva do pesquisador. Assim, embora não se constituindo em um método clássico, pode ser considerado uma

alternativa de análise que rompe com o monismo metodológico, ou seja, a imposição de um método para se chegar a uma suposta verdade.

É nesse sentido que as contribuições de Gadamer (2015; 2011) vem ao encontro da problematização e análise das questões que envolvem o campo educativo, sobretudo no caso em tela, marcado por abordagens qualitativas. O autor projeta luz em novas formas de interpretação dessa realidade, baseada na compreensão de seus fenômenos e consequentes desdobramentos sociais, tendo o pesquisador um importante papel de mediador, com base em suas convicções, no diálogo com a tradição.

O primeiro passo para que um jovem possa fazer parte de um grupo de estudantes que reside em um internato mantido por um instituição pública de ensino, como condição para estudar, é acolher a ideia de rompimento do convívio familiar, seja por convicções próprias, seja por influência de pais, familiares ou amigos. Essa atitude pode ser encarada de várias formas, tanto por parte da família como por parte dos estudantes.

Quando nos reportamos ao estudo histórico dessas instituições, pode-se perceber a ideia do “internar para educar”, conforme nos ensina Conceição (2012). Nessa concepção, a família acredita que as vicissitudes domésticas ou características do jovem que, em diferentes medidas, descontentam seus pais ou responsáveis sejam quebradas em favor de novos hábitos, balizados por regulamentos institucionais, não personalistas, associados a uma vigilância não familiar, que supostamente o reconfiguraria para os desafios da vida produtiva em sociedade.

De acordo com os relatos de servidores S4, S9, S10, S12 e S15, registrados no diário de itinerância, em diferentes dias e horários, houve uma mudança desse pensamento por parte das famílias em relação à Instituição. Apesar disso, ainda é possível identificar o pensamento conservador externado no discurso de pais e responsáveis, considerando a Instituição como uma espécie de “reformatório”, que busca construir no discente uma utilidade, moldando-o para o mercado de trabalho.

Nesse sentido, tais servidores têm verificado nos discursos dos responsáveis, especialmente pais e mães, o entendimento de que o rompimento com a convivência familiar pode ser um caminho para o alívio de tensões em casa, quando se exige maior responsabilidade dos pais para com os filhos. Para além disso, pôde-se identificar nas entrevistas com estudantes que a vontade de estudar na Instituição, submetendo-se às regras de um sistema de internato em um alojamento estudantil, se dá por diferentes motivos:

“Influência da família ou vizinhos”.

“Vontade de sair de casa”.

“Pretende fazer Agronomia, mas o sonho é Engenharia Civil”.

“Familiares estudaram aqui”.

“Boa base para a faculdade”.

“Professores bem estudados”.

“Curso forte”.

“Curso técnico é algo a mais no preparo para o vestibular”.

“Busca por um Ensino Médio federal, forte”.

“Convite de um amigo”.

“Conheceu a Instituição numa visita da sua escola à FETEC [Feira de Conhecimento Tecnológico e Científico]”.

“Condição de ganhar alojamento e refeição, um a menos para comer em casa”.

“Aprender novas técnicas para tocar a propriedade”.

“Machucou o pé, não vai poder tocar a propriedade diante do trabalho pesado, tem que estudar na busca de alternativas”.

“O pai é técnico em agropecuária”.

Considerando os contextos das entrevistas, comum ao que foi colocado, dois tipos de pensamentos se complementam:

- A busca por um Ensino Médio forte que possa garantir-lhes acesso à Educação Superior pública, algo não encontrado nas suas pequenas cidades de origem, considerando, na maioria dos casos, as parcas condições econômicas que inviabilizam uma formação acadêmica numa instituição particular, longe de casa.
- O estudante apresenta uma inclinação para as ciências agrárias e encontra na Instituição uma oportunidade para continuar estudando, ou compreende que aquela é a única oportunidade que ele tem de formar-se em alguma coisa, mesmo que não seja algo que venha ao encontro do que sonha como profissão para seu futuro.

Contudo, nem todos os jovens que optam em estudar no Instituto Federal o fazem de maneira voluntária, atendendo aos anseios próprios, conforme mostram os apontamentos de Röcker (2017, p. 14), egresso do curso técnico integrado ao Ensino Médio de Agroecologia:

Para satisfazer a vontade da minha mãe, me inscrevi no exame de classificação daquela escola que, até então, para mim, era vista como um colégio interno. Com medo de ir para lá, comecei a investigar como era a escola, ouvindo assim vários comentários. A cada comentário que eu ouvia, meu coração rápido batia e um nervosismo começava. “Ah é uma escola muito boa, serve pra colocar preguiçosos nos eixos”. “Vocês trabalham muito mesmo lá e se não andarem na linha, os maiores massacram vocês”. A cada comentário desse nível, minha vontade de ir para lá só diminuía.

Quanto aos entrevistados, apenas um deles, E12, anunciou não ter sido sua a opção de buscar uma vaga para estudar no Instituto Federal. Ele não admitia a ideia de sair de casa, separar-se da família, dos amigos, contudo sua mãe mostrava-se a principal incentivadora, pois tinha ouvido depoimentos de pessoas que haviam estudado como internos na Instituição e declararam ter sido um grande aprendizado para a vida. Para E12 (Entrevista, 26/02/2018):

“Em nenhum momento a escolha de ir morar em um internato foi minha. Os meses que antecediam a ida para a escola foram de conflitos constantes entre mim e a minha

família [...] Minha mãe era a principal incentivadora para entrar na escola. [...] O principal motivo que me fez ir foi meus amigos, que desde criança estavam comigo e também embarcariam nesse novo desafio. Sabia que eu não estaria sozinho [...] Eu esperava encontrar uma escola, tratando desde materiais, infraestrutura, administração e coordenação capacitadas, professores com grande experiência e muito conhecimento com especialistas, mestres, doutores e outros títulos que eu nem sei bem... Imaginava também uma escola com muito contato com nosso meio, preocupada com problemas sociais, ambientais e pensando muito além de uma sala de aula [...] mas, infelizmente, como estudante, eu me decepcionei de tal forma que isso me trouxe várias complicações tanto físicas como psicológicas. [...] Mas no meio de tantas turbulências, encontrei professores ótimos, que eram muito mais que isso, eram amigos; funcionários que cumpriam o que estava proposto e ainda acreditavam na mudança. [...] Ao longo do tempo, a escola foi ficando mais democrática e começava a se preocupar com nossa formação política, e eu tinha meus amigos sendo a minha maior satisfação.”

No posicionamento do estudante, depois de acolhida de forma turbulenta a ideia de matricular-se e ir morar no alojamento do *campus*, percebe-se o anúncio de uma expectativa idealizada quanto ao que iria encontrar, algo distante das possibilidades que se abrem diante das incompletudes humanas que caracterizam todos os atores que fazem parte dos diferentes cenários que a compõem.

É relevante considerar o surgimento de uma espécie de disfunção na autonomia do sujeito, que figura como estudante interno, acerca da sua liberdade, pois ele passa a ser controlado por reguladores que moldam suas vontades e formas de comportamento, como cercas, guaritas, vigilantes, câmeras com infravermelho que filmam no escuro, geradores de energia para que as câmeras nunca parem de funcionar, acionadas por qualquer movimento, carteirinhas de controle usadas para entrada e saída do alojamento e o próprio horário preestabelecido, que determina o lugar no tempo de cada compromisso a ser cumprido nas rotinas diárias que sustentam uma vida administrada e institucionalizada (GOFFMAN, 2008).

No entanto, apesar da decepção anunciada por E12, dois importantes aspectos necessitam ser evidenciados: as amizades, que se constituem num importante anteparo para a sustentação do estudante, desde a saída de casa, perpassando todo o processo de adaptação a um novo lugar, e o desenvolvimento da capacidade de superação.

Quanto à saída de casa, chamou a atenção o uso da palavra “tranquilo” usada por oito dos doze entrevistados, demonstrando que o sair não representou um trauma, considerando que era previsto o retorno em todos os finais de semana. Na esteira disso, dez dos doze entrevistados anunciaram que, depois da saída de casa, as relações com a família melhoraram. Sobre esse aspecto, E11 (Entrevista, 24/05/2018) declarou:

“Meu pai é técnico agrícola, depois que eu vim pra cá, minha relação com ele melhorou muito, passei a ser tratado como o filho que saiu de casa para estudar, para se fazer na vida, passei a ganhar da minha família uma atenção que no dia a dia a gente não enxerga.”

Segundo E12 (Entrevista, 26/02/2018):

“No começo foi bastante difícil a adaptação, estar longe de casa em um novo lugar com novas pessoas dá medo, muita falta de privacidade, sempre tem aquelas brincadeiras bobas de bater foto da gente no banho ou no bacio sanitário, isso ocorre bastante, mas a gente tá ali, não tem saída, tem que achar um jeito de se adaptar e, quando volta para casa, a gente vê a casa, a privacidade, o canto da gente, a comida da mãe com outros olhos. Por outro lado, a família também tem saudade, assim o final de semana passa voando, e as brigas praticamente deixam de existir.”

E8 (03/05/2018) relatou:

“Depois que eu vim pra cá, a relação com minha família melhorou bastante! Porque querendo ou não tu não tá todo dia em casa, quando tu chega, tu não sabe o que houve, então tu tá meio perdido, daí no final de semana pode estourar alguma coisa ou não... Às vezes, eu chego e minha mãe está com os olhos cheios d’água, eu sei que aconteceu alguma coisa, mas ela não me fala... [silêncio e um suspiro profundo] Ah! minha família não é tranquila... Difícil falar... Mas... Eu não quero falar dela, desculpa!”

Nesse momento da entrevista (14'8"), o estudante pediu para desligar o gravador, afirmou que precisava de um tempo, tirou os óculos, secou as lágrimas e respirou profundamente por várias vezes, olhando absortamente para uma parede, aparentando um misto de ressentimento e constrangimento. Depois de alguns minutos, afirmou que poderíamos continuar.

Cada escuta apontou, em maior ou menor escala, que a ruptura do convívio no cotidiano com a família fez com que houvesse uma melhora nas relações. Ao que pareceu, trata-se de um repensar que figura em mão dupla, concorrendo para que, tanto a família como o estudante, se redescubram na relação de um para com o outro e adotem novas posturas, que ganham outros sentidos, aproximando-os de forma mais efetiva e afetiva durante o final de semana.

Associado a isso, viagens técnicas a propriedades e empresas ligadas ao setor agropecuário, participação em feiras, inserção na pesquisa com Iniciação Científica e produção de experimentos associados ao cabedal de 24 (vinte e quatro) componentes curriculares, em média por ano, fazem com que os estudantes alarguem seus horizontes de percepção, resultando em transformações importantes nas suas formas de ver, ser e estar no mundo. Dessa forma, podem tornar o lugar que deixaram em casa muito pequeno para o seu retorno, em face das tradições de constituição familiar e do próprio movimento da família, que, não raras vezes, diante da saída de um membro e/ou da chegada de outro, redimensiona os espaços privativos da casa.

Esses são alguns dos aspectos que resultam em dificuldades para que o estudante retorne ao convívio familiar depois de concluir o curso. Isso gera uma contradição, especialmente na pequena propriedade, tendo em vista ele ter saído para estudar com o propósito de voltar para melhorar suas condições produtivas, com base na boa técnica aprendida, porém não foi esse o movimento verificado em 11 (onze) entrevistas de um total de 12 (doze).

As abordagens aqui apresentadas e muitas outras compõem a pesquisa que gerou a tese a qual tem potencial para outras publicações, envolvendo implicações entre amizades, percursos, identidades e sociabilidades as quais serão oportunamente abordadas fora dos recortes aqui propostos.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes. Internato. Profissionalização.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília, DF: Líber Livro Editora, 2008.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília, DF: Líber Livro, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 1. Artes de fazer.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 2. Morar e cozinhar.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Internar para educar: colégios internos no Brasil (1840-1950)**. 2012. 323 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- _____. **Verdade e método II: complementos e índices**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2011.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. São Paulo: Perspectivas, 2008.
- KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió: Edufal, 2013.
- LEÃO, Geraldo Magela Pereira; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. Juventudes no/do campo: questões para debate. *In*: LEÃO, Geraldo Magela Pereira; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. **Juventudes do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 17-31.
- LÜDKE, Hermengarda Alves; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2013.
- PAIS, José Machado. **Educação e cotidiano: pressupostos teóricos e metodológicos**. [Minicurso]. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), 2017.
- _____. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.
- RÖCKER, Théo Piucco. **Memórias de um internato: vida além da sala de aula**. Saarbrücken: NEA, 2017.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos**. Tradução de Roc Filella. Madrid: Morata, 1998.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. Maquinaria escolar. **Teoria & Educação**, n. 6, p. 1-33, 1992.